



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS EXATAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - PORTUGUÊS**

APARECIDA TAYSA DA SILVA SANTOS

**AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NA BÍBLIA SAGRADA: UM ESTUDO
REFLEXIVO À LUZ DA TEORIA DE ARGUMENTAÇÃO**

**MONTEIRO – PB
Março 2022**

APARECIDA TAYSA DA SILVA SANTOS

**AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NA BÍBLIA SAGRADA: UM ESTUDO
REFLEXIVO À LUZ DA TEORIA DE ARGUMENTAÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à Coordenação do Curso de Letras - Português da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Língua Portuguesa.

Área de concentração: Linguística
Orientador: Prof Dr Noelma Cristina Ferreira dos Santos.

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S231e Santos, Aparecida Taysa da Silva.

As expressões idiomáticas na bíblia sagrada [manuscrito] : um estudo reflexivo à luz da teoria de argumentação / Aparecida Taysa da Silva Santos. - 2022.

48 p. : Il. colorido.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Portugêses) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas, 2022.

"Orientação : Profa. Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos., Coordenação do Curso de Letras - CCHE."

1. Expressão idiomática (EIs). 2. Bíblia. 3. Teoria de argumentação (Fiorin). I. Título

21. ed. CDD 410

APARECIDA TAYSA DA SILVA SANTOS

AS EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS NA BÍBLIA SAGRADA: UM ESTUDO REFLEXIVO
À LUZ DA TEORIA DE ARGUMENTAÇÃO.

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) apresentado à Coordenação /Departamento do Curso de Letras-Português da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduada em Letras - Português.

Área de concentração: Linguística

Aprovada em: 15/03/2022.

BANCA EXAMINADORA

Noelma Cristina F. Santos

Profª. Dra. Noelma Cristina Ferreira dos Santos (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Jordão Joanes Dantas da Silva

Prof. Dr. Jordão Joanes Dantas da Silva
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Janaina Aires da Silva Queiroz

Profª. Me. Janaina Aires da Silva Queiroz

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me conduzido e permanecido comigo ao longo do curso e da elaboração do TCC.

À professora Noelma pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação, sobretudo pela paciência

À minha mãe, pelo incentivo desde a minha infância e por nunca ter desistido de mim, dando-me força e cuidando do meu bem mais precioso, o meu filho. Ao meu pai pelos seus esforços e ter se doado em cuidar e amar o meu filho na minha ausência.

Ao meu filho Davi, por toda a paciência, cumplicidade, amor e compreensão em todo esse tempo.

Ao meu esposo Fagner pela paciência, respeito e apoio.

Aos meus irmãos, Drailson, Damião e em especial a Daniel que caminhou comigo literalmente com tanta paciência. Ao meu tio Messias e sua esposa Aline.

Aos avós paternos do meu filho, Argemiro e Eulina (*in memoriam*), por todo o amor depositado nele enquanto eu estava estudando.

Aos professores do Curso de Licenciatura em Letras Português da UEPB, que ao longo do curso deram o seu melhor para que tivéssemos um ensino de qualidade.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Às colegas de classe pelos momentos de amizade e cumplicidade, gratidão meninas, Beatriz, Tatiana, Soniete e Mariane.

“Meu pai sempre dizia, não
levante a sua voz, melhore os
seus argumentos”.
Desmond tutu

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo principal identificar e analisar as Expressões Idiomáticas (EIs) encontradas na bíblia, à luz da teoria de argumentação de Fiorin (2020). Como objetivos específicos, buscamos realizar uma interpretação do sentido figurado das EIs encontradas e analisar os critérios determinantes para que as expressões analisadas sejam consideradas EIs. Para a culminância deste trabalho, realizamos uma pesquisa bibliográfica, descritiva e explicativa. Em síntese, descrevemos, explicamos e também determinamos a natureza da relação entre as EIs e a teoria de argumentação. Durante o desenvolvimento dos resultados, buscamos inicialmente identificar as EIs e, logo após, analisamos seguindo os critérios dos autores Xatara (1994-1995), Numberg; Sag e Wason (1994), Azevedo e Silva (2017) e Ortiz Álvarez (2000). Estes autores apontam que as EIs são inflexíveis, porém observamos que em alguns casos houve variações, mas essas mudanças não comprometeram o sentido global da expressão, ocorrem geralmente pela introdução de alguns elementos como pronomes. Em todas as expressões encontradas para uso desse trabalho, visualizamos uma carga alta de afetividade, partindo do locutor para os seus receptores, fizeram uso da figuratividade e proverbialidade para enfatizar suas emoções, sentimentos e medos durante as conversas formais ou informais que tinham com seus interlocutores. Por fim, percebemos que essas EIs são argumentativas, os discursos objetivavam convencer, persuadir e conseguir a adesão do público, os apeladores através do seu discurso se apresentavam como dignos de pena clamando por misericórdia e piedade. Esse trabalho nos mostrou que as EIs analisadas são utilizadas na contemporaneidade por diversos falantes e circulam em redes sociais, permanecendo ao longo dos séculos.

Palavras-Chave: Expressão idiomática (EIs). Bíblia. Teoria de Argumentação (Fiorin).

ABSTRACT

The present work has as main objective to identify and analyze the Idioms (IEs) found in the bible, in the light of Fiorin's theory of argument (2020). As specific objectives, we seek to perform an interpretation of the figurative meaning of the IEs found and analyze the determining criteria for the analyzed expressions to be considered IEs. For the culmination of this work, we carried out a bibliographical, descriptive and explanatory research. In summary, we describe, explain and determine the nature of the relationship between IEs and argumentation theory. During the development of the results, we initially sought to identify the IEs and, soon after, analyzed following the criteria of the authors Xatara (1996-1995), Numberg; Sag and Wason (1994), Azevedo and Silva (2017) and Ortiz Álvarez (2000). In addition, we investigated and noticed that IEs are in different discursive circles, covering informal and formal language. Authors point out that the IEs are inflexible, however we observed that in some cases there were variations, but these changes did not compromise the global meaning of the expression, they usually occur by the introduction of some elements such as pronouns. In all expressions found for use in this work, we visualized a high charge of affectivity, starting from the speaker to their receivers, they made use of figurativeness and proverbiality to emphasize their emotions, feelings and fears during formal or informal conversations they had with their interlocutors. . Finally, we realize that these IEs are argumentative, the speeches aimed to convince, persuade and get the public's adhesion, the appellants through their speech presented themselves as worthy of pity, crying out for mercy and mercy. This work showed us that the IEs analyzed are currently used by several speakers and circulate in social networks, remaining intact over the centuries.

Keywords: Idiomatic Expression (IEs). Bible. argumentation theory (Fiorin).

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1 – Versículos bíblicos contendo a El menina dos olhos..... | 30 |
| Quadro 2 – Versículos bíblicos contendo a El olho por olho e dente por dente..... | 33 |
| Quadro 3 – Versículos bíblicos contendo a El a carne é fraca..... | 37 |
| Quadro 4 – Versículos bíblicos contendo a El quem me dera..... | 40 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

| | |
|------|-----------------------------------|
| NT | Novo Testamento |
| AT | Antigo Testamento |
| EI | Expressão idiomática |
| EIs | Expressões idiomáticas |
| BNVI | Bíblia Nova versão internacional. |

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| 1. INTRODUÇÃO | 10 |
| 2. EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS: UMA MÃO NA RODA | 14 |
| 2.1 Conceito das Expressões Idiomáticas: situando as Els no campo da linguagem figurativa | 14 |
| 2.2 Critérios para caracterização de uma Expressão Idiomática | 19 |
| 3. ALGUMAS REFLEXÕES EM TORNO DA TEORIA DE ARGUMENTAÇÃO..... | 23 |
| 4. VAMOS ARREGAÇAR AS MANGAS: EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS, UMA ANÁLISE À LUZ DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO | 29 |
| 4.1 Meninas dos olhos | 30 |
| 4.2 Olho por olho e dente por dente | 33 |
| 4.3 A carne é fraca | 37 |
| 4.4 Quem dera | 40 |
| 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 43 |
| REFERÊNCIAS | 47 |

1. INTRODUÇÃO

As Expressões idiomáticas (EIs) ocorrem quando um termo ou frase assume um significado diferente daquele que teria isoladamente. Elas são sentenças típicas da oralidade e da escrita e a soma dos seus constituintes não são suficientes para obter o significado, pois as EIs são construções figuradas. Em geral, uma EI não pode ser totalmente compreendida da forma como lemos ou ouvimos, visto que elas ultrapassam a barreira do literal. A sua compreensão depende de alguns fatores, como o contexto em que estão situadas, as informações prévias e o nível de transparência, pois existe certas expressões que não fornecem pistas suficientes sobre o seu sentido figurado, como no exemplo *quebrar o galho*, enquanto outras apresentam mais pistas, como *pirar na batatinha*. O termo *pirar* nos dá uma importante informação sobre o seu sentido figurado, fazendo referência a pessoas com pensamentos incoerentes.

Aos usuários, as EIs são excelentes recursos linguísticos utilizados pelos falantes com finalidades diversas de pedir ajuda (*dar uma mãozinha*); de intensificar sentimentos (*me deixou a ver navios*); de despertar humor, ironia (*soltar a franga*) ou insinuação (*uma mão lava a outra*), dentre outras, tornando-se uma prática consolidada na língua através de discursos orais e escritos, nas diferentes classes sociais. Além disso, dão força, sutileza, intensificam a comunicação e estão presentes no cotidiano das pessoas.

Segundo Xatara (1995), muitas vezes o léxico de uma língua não dispõe de um acervo de palavras que sejam suficientes para expressar os nossos sentimentos, emoções, sutilezas e pensamentos dos falantes, e, por não encontrar os elementos que necessitam para se comunicar, os falantes buscam combinações inusitadas que dão um determinado efeito de sentido. Essas escolhas são feitas para atender a demanda do emissor na mensagem que ele deseja transmitir ao seu receptor, buscando impactá-lo, seja obtendo resultado negativo ou positivo.

As EIs estão dentro do quadro de figuras de linguagens, assim como a analogia, metáfora, símile, metonímia e outras mais. Por esse motivo, se faz necessária uma análise minuciosa para não correremos o risco de confundi-las. As figuras de linguagens são conhecidas por seu caráter conotativo, foge da linguagem comum, isto é, algumas ideias não precisam ser ditas literalmente. Esse recurso torna a língua mais expressiva com o intuito de obter maior atenção do interlocutor. São

utilizadas em obras literárias diversas, discursos políticos e religiosos, no dia a dia das pessoas e é justamente nesse meio em que encontramos as Els. As Els são comuns em nossa comunicação, mas, apesar disso, existe divergência entre gramáticos e linguistas em torno da legitimidade delas, questionando se fazem parte da língua ou não.

Neste trabalho, focamos o nosso olhar nas Els, especificamente nas que foram encontradas na bíblia sagrada, quais sejam: Menina dos olhos; olho por olho e dente por dente; a carne é fraca; e quem dera. Notamos que elas têm se revelado como eficientes recurso argumentativo, tanto nos textos bíblicos, como na contemporaneidade. Sendo assim, o objetivo geral desta pesquisa é identificar e analisar as Expressões Idiomáticas (Els) encontradas na bíblia, à luz da teoria de argumentação de Fiorin (2020). Os objetivos específicos são: realizar uma interpretação do sentido figurado das Els encontradas e analisar os critérios determinantes para que as expressões analisadas sejam consideradas Els.

A motivação para realizar a análise com base na teoria de argumentação se justifica pois partimos da ideia de que esses discursos tinham objetivos claros, e segundo Perelman e Olbrecht-Tyteca (2005), o objeto da análise argumentativa perelmaniana é composto pelos recursos discursivos para se obter a adesão de mentes, e a linguagem é utilizada para persuadir e convencer. Assim como Perelman, Aristóteles (1965) aponta que o campo da argumentação é o campo do verossímil, do plausível, do provável.

Ao refletirmos em torno disso, percebemos que a teoria de argumentação é de fundamental importância para o estudo das Els, elas são discursivas e têm como finalidade a adesão de mentes, de pessoas, em outras palavras, essas expressões objetivam convencer e persuadir o público. Nesse momento, compreendemos Aristóteles, ao dizer que a argumentação é do campo do verossímil, provável e plausível, pois na realidade os argumentos se aproximam da verdade. No entanto, o enunciador necessita de habilidades especiais argumentativas para convencer o ouvinte.

Dessa maneira, a principal motivação para este trabalho reside na possibilidade de compreender as expressões idiomáticas, presentes na bíblia sagrada, partindo principalmente da ideia de que essas expressões são argumentativas e, portanto, ditas com o intuito de persuadir e convencer os interlocutores. Por muito tempo, os estudos sobre argumentação de Perelman foram tidos como insuficientes para os

estudos linguistas, porque o autor era da área de direito e, com isso, sua teoria argumentativa não era bem vista pelos estudiosos da língua. Porém, surgiram outros linguistas que quebraram essa visão e começaram a dar notoriedade a teoria argumentativa de Perelman. Neste trabalho, focamos tanto na visão desse autor como em outras teorias recentes que nos auxiliou na culminância desta pesquisa.

O interesse em pesquisar essa temática surgiu a partir de uma incompreensão, durante o ato da leitura de uma expressão idiomática na bíblia, localizada no livro de Salmos 132:17 que dizia *Ali farei brotar o chifre de Davi* e esta expressão era bastante utilizada nos tempos do AT na língua hebraica. Presente no livro de Exôdo 34:29-30 fazendo referência ao chifre de Moisés e em outros textos da Bíblia designando força e poder, este é o significado por trás dessa EI. Nas novas traduções essa expressão sofreu alterações apresentando o seu real significado, e observamos que a expressão não conseguiu se cristalizar em nossa língua. Desse modo, notamos que esse estudo poderia auxiliar outros leitores em suas descobertas. Além disso, através desse trabalho, é nossa pretensão destacar a importância dos estudos voltados para as EIs em diversos meios de circulação, pois elas estão presentes em vários espaços comunicativos, nas redes sociais, no entretenimento, em obras literárias e etc.

Em relação ao corpus, entendemos que o contexto bíblico é visivelmente diferente dos tempos atuais, costumes e práticas totalmente distintos, enredos de difícil compreensão, fazendo-nos refletir acerca da recepção desses leitores e como as EIs são vistas na atualidade. Outro ponto fundamental é compreender a discussão entre gramáticos e linguistas em torno da legitimação dessas expressões, essa reflexão será guiada através de Perini (2010) e Xatara (1995).

Ademais, esta pesquisa se configura a partir do método qualitativo que busca compreender determinados comportamentos, a razão e a causa, assim como a complexidade das informações obtidas, por isso fizemos a análise de trechos retirados da Bíblia e buscamos entender como se comportam e se configuram as EIs. Segundo Denzin e Lincoln (2006), a pesquisa qualitativa possui uma abordagem interpretativa do mundo, os pesquisadores estudam o seu objeto de pesquisa no seu cenário natural e visam compreender os diversos fenômenos e os significados a eles atribuídos. Após compreendermos as EIs estudamos este fenômeno como uma poderosa ferramenta argumentativa, mesmo sendo utilizadas naturalmente pelos falantes entendemos que os seus efeitos causam impactos aos interlocutores.

Neste sentido, este trabalho também será de natureza documental. Segundo

Gil (2008), a pesquisa documental é desenvolvida através de matérias que são coletados seja de forma oral ou escrita. Os trechos bíblicos utilizados neste trabalho foram retirados do antigo testamento (AT) e do novo testamento (NT), a busca se deu no site Bíblia online e no aplicativo Bíblia Nova Versão Internacional (NVI). Durante a coleta das Els pudemos identifica-las através da frequência de uso na Bíblia e no contexto brasileiro atual, em seguida analisamos de acordo com os critérios dos autores Numberg, Sag; Wason (1994).

Realizamos também uma pesquisa descritiva, associada à pesquisa explicativa, pois observamos o fenômeno das Els na Bíblia e analisamos de acordo com a teoria de argumentação, buscamos explicar a conexão existente entre as Els menina dos olhos, olho por olho e dente por dente, a carne é fraca e quem dera com os argumentos propostos por Fiorin (2020). O intuito não é apenas descrever e identificar a existência da relação entre variáveis, mas também determinar a natureza dessa relação. Em outras palavras, é uma pesquisa descritiva que se aproxima da explicativa.

Com base nisso, através dessa pesquisa foi possível identificar as expressões idiomáticas presentes na bíblia sagrada e relacioná-las com a teoria de argumentação. Ao buscar entendê-las como um excelente recurso argumentativo de persuasão, também vimos que essas Els estão presente em nosso cotidiano. Diante dessa contextualização, como se apresentam os argumentos nas Els da bíblia?

O presente trabalho está organizado em duas seções, além desta introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo exploramos o conceito e as características das Eis e para apoiar teoricamente esta pesquisa, nos ancoramos nos estudos de Xatara (1994-1995), Perini (2015), Numberg, Sag e Wason (1994), Azevedo e Silva (2016) e Ortiz Álvarez (2000) para a compreensão das expressões idiomáticas; Perelman e Tyteca (2005), Bakhtin (1997), Fiorin (2020) e Koch (1984), para a fundamentação da teoria de argumentação. O segundo capítulo apresenta a análise realizada com as Els, a partir dos critérios de Numberg, Sag; Wason (1994) e também com os critérios argumentativos de Fiorin (2020).

2. EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS: UMA MÃO NA RODA

Neste capítulo, apresentamos as EIs, a sua conceitualização a partir da perspectiva de alguns teóricos como Xatara (1995) e Perini (2010); e também abordamos resumidamente como ocorreram os estudos nessa área ao longo dos anos. Apesar de sua desvalorização entre alguns gramáticos, veremos que as EIs fazem parte do contexto dos sujeitos, que as utilizam no cotidiano quando necessitam expressar determinadas nuances, e, sobretudo, exibiremos um conjunto de critérios necessários para reconhecermos uma EI, assumindo que essas expressões podem fazer parte do quadro de figuras de linguagem, podendo ser classificadas como metáfora ou metonímia e dentre outras, por isso a importância de certos aspectos para podermos diferenciá-las. Em seguida, iremos adentrar na teoria argumentativa de Fiorin (2020) e buscaremos relacioná-la com as EIs identificadas na bíblia, partindo do pressuposto de que os discursos são argumentativos, conforme Fiorin (2020, p. 29). Por fim, a culminância deste trabalho se dará a partir do resultado da investigação dos versículos bíblicos analisados à luz de três tipos de argumentos expostos por Fiorin (2020) em seu livro *Argumentação*.

2.1 Conceito das Expressões Idiomáticas: situando as EIs no campo da linguagem figurativa

No ano de 1978, Biderman define as expressões como combinações de lexemas, no qual o seu significado não é a soma das partes. Outros linguistas compreendem que o idiomatismo ocorre numa produtiva regularidade estrutural, eles acreditavam que essas irregularidades postas por outros teóricos deveriam cair por terra e retirar a tese de excepcionalidade e irregularidade que lhes foi atribuída por tanto tempo. Além desses linguistas, havia outros que se preocupavam com essa temática, especialmente em dar a notoriedade que lhe era devida.

Segundo Xatara (1995 p.198), a preocupação dos gramáticos está com a normalização da língua escrita e formal, ficando à margem estudos sobre a linguagem oral e informal, isto quer dizer que as EIs não eram estudadas. Xatara (1996, p.198) afirma que ocorre essa distância também ocorrem na literatura, mas ela lembra que muitos autores literários pouco conhecidos colocam as expressões entre aspas, enquanto autores de renome, a exemplo de Graciliano Ramos, usam figuras de linguagens, como no trecho da obra *Vidas Secas* “na catinga ele às vezes *cantava de*

galo, mas na rua encolhia-se” (RAMOS, 1986,p. 29). Xatara (1996) continua pontuando que as Els são típicas da oralidade, mas são diversos os exemplos dessas expressões sendo utilizados na escrita. Ainda completa que a escrita não pode estar dissociada da fala e que uma não é mais importante do que a outra.

As Els normalmente são assimiladas pelos próprios interlocutores de uma dada língua natural em que circulam, ou seja, para os falantes nativos a compreensão não fica comprometida, o mesmo não podemos afirmar a respeito dos estrangeiros ao escutar uma expressão dita por um brasileiro, por exemplo. Em vista disso, todas as línguas são compostas de expressões idiomáticas e, naturalmente, apenas sujeitos socializados naquela língua podem entendê-las sem comprometer o seu significado.

As Els são frequentemente utilizadas em anúncios publicitários, em textos jornalísticos, em discursos políticos, na literatura, nos diversos gêneros e registros, assim como propriamente no cotidiano dos diversos falantes, são registros comuns da linguagem informal, conforme Xatara (1995, p.195). As Els têm se revelado produtivas em estilos e modalidades diferentes. No dia a dia, as Els costumam ser utilizadas com a finalidade de expressar sentimentos, emoções, dar ênfase, ou suavizar algo, com isso, elas se tornam essenciais para os falantes. Por isso, o locutor busca formar combinações excepcionais visando determinados efeitos de sentidos.

Atualmente, existem diversas expressões circulando na nossa sociedade, como, por exemplo, nas sentenças *abandonar o barco (desistir de uma situação difícil)*, *abrir o coração (desabafar/declarar-se sinceramente)*, *amigo da onça (pessoa falsa)*, *barra pesada (situação difícil ou uma pessoa perigosa)*, *cair a ficha (compreender um assunto tardiamente)*, *lavar a roupa suja (acertar as diferenças com alguém)*, dentre outras que não podem ser interpretadas literalmente. Elas são figuras de linguagem frequentemente utilizadas numa determinada comunidade de falantes, em outras palavras, cristalizadas pois são conhecidas e usadas no dia a dia pelos sujeitos, como por exemplo, a El *amigo da onça* que é conhecida e bastante utilizada, compartilhada em contextos específicos da falta de lealdade.

As Els são figuras de linguagens, e poderíamos dizer que essa é uma das suas principais características. Segundo Saconni (2008, p.400), através das figuras de linguagens, utilizamos recursos que nos permitem fugir da expressão comum, sendo considerado como um desvio da linguagem literal, mas é interessante perceber que esse desvio é meramente intencional por parte dos falantes, objetivando chamar atenção, enfatizar alguma situação e inovar. Rocha Lima (1992, p.500) afirma que :

Figuras de linguagem são certas maneiras de dizer que expressam pensamento ou o sentimento com energia e colorido, a serviço das intenções estéticas de quem as usa. Trata-se de recursos naturais da linguagem, que os escritores aproveitam para comunicar ao estilo vivacidade e beleza.

Azeredo (2008, p. 483), em relação às figuras de linguagem, afirma que são “formas simbólicas elaboradas para exprimir determinadas ideias, significados e pensamentos. Oferecem uma maior expressividade, emoção, simbolismo e afetividade”, além disso, o autor externa a importância delas na construção do sentido do texto. O campo das figuras de linguagens é extenso, temos as metáforas, metonímias, hiperbóle, pleonasma e muitas outras. Identificamos as EIs, que possuem esse efeito figurativo e simbólico, repleto de intencionalidades e com características próprias.

Segundo Kövecses (2010), as EIs pertencem a uma área nebulosa do léxico. O autor menciona que há uma mistura de campos com as metáforas, metonímias, ditos populares e outras figuras de linguagens e, ocorre uma certa dificuldade de definir tais expressões. Na visão de Ortiz Álvarez (2000), as expressões idiomáticas estão sendo abordadas em diferentes perspectivas e esses pontos de vista têm colaborado para reduzir a heterogeneidade desse objeto, como afirma na citação abaixo:

Em geral, as EIs têm sido abordadas segundo várias perspectivas, e todas elas colaboram na tentativa de reduzir a heterogeneidade aparente deste objeto, tentando descrever algumas regularidades. A heterogeneidade manifesta-se, por exemplo, na dificuldade em propor uma definição clara e coerente de EI e advém da multiplicidade de fatores que intervém nessa mesma definição (fatores de ordem lexical, sintática, semântica, psicolinguística, etnolinguística e pragmática). (ORTIZ ÁLVAREZ, 2000, p. 112).

Na perspectiva de Xatara (1995), as EIs são constituídas principalmente por duas ou mais palavras cujo significado não pode ser compreendido na soma das duas partes, ou seja, o seu sentido não é igual à sua forma. A autora complementa que as EIs são como um sistema metafórico, que está cristalizado em um idioma pela sua tradição cultural, nesse sentido, para ser de fato uma expressão idiomática, é necessário que seja utilizado por uma comunidade de falantes. Uma pessoa que cria

um determinado enunciado não o torna uma EI, necessita que todos compartilhem e que seja utilizada por profusos interlocutores. Perini (2010) aponta que as EIs violam de certo modo as regras gramaticais, semânticas e lexicais, conforme citação do autor:

As expressões idiomáticas sempre violam alguma regra da língua: em geral uma regra semântica, mas às vezes também regras da sintaxe. E às vezes elas contém itens lexicais que não aparecem em nenhum outro contexto. Na verdade, se alguma coisa define a expressão idiomática é justamente a presença de alguma violação gramatical ou lexical. (PERINI, 2010, p. 324).

Segundo Perini (2010), a violação semântica ocorre quando as palavras contidas nas expressões perdem o seu significado literal e adquirem um outro sentido. Já a violação sintática acontece quando dois elementos coordenados com e podem ter a sua ordem invertida, como o exemplo apresentado pelo próprio autor, nas expressões “arroz e feijão / feijão e arroz”, em que essas expressões mesmo invertidas não deixaram de ser uma EI. Por ser um prato típico no país, os termos *arroz e feijão* tornaram-se uma expressão, o seu significado se refere a algo ou alguém comum, simples e corriqueiro, assim como o *arroz e feijão*, com isso, Perini (2010) nos mostra que tanto pode ser dito *feijão com arroz* ou *arroz com feijão* e o efeito de sentido será o mesmo, mas são casos bem isolados. No geral, as expressões não aceitam essa inversão, caso contrário podem perder o significado idiomático, como exemplo temos o enunciado “de mala e cuia” que no inverso “de cuia e mala” perderia o seu efeito idiomático.

Na visão de Perini (2010) as línguas naturais apresentam facilidades em fixar sequências de palavras e essa é uma grande tendência. O autor afirma que, quando essas sentenças são fixadas, o seu significado nem sempre é tido por meio dos seus componentes, pois apresenta o seu próprio significado. Nesse caso, as palavras são utilizadas como unidade. O significado pode ser tomado por meio de construções, de certas propriedades ao serem utilizadas com assiduidade. No exemplo anterior de *feijão e arroz*, temos uma sequência fixada, o seu significado não depende especificamente das palavras, mas da construção em torno dessa sentença, esses termos se popularizaram até um ponto que se tornou uma expressão, os seus atributos de comum, corriqueiro e simples atrelados ao *feijão e arroz* permitiu que um determinado falante pudesse utilizar em contextos e a comunidade falante adotou e continua sendo usada no cotidiano.

Pedro (2007) reforça que o significado da EI não é transparente, pois não conseguiremos entendê-las a partir da somatória dos seus elementos. As EIs são expressões opacas, a exemplo disso, na sentença *bater as botas* se compreendermos como o ato de dar golpes no par de botas o seu sentido será comprometido, ou seja, não conseguiremos interpretar a expressão, pois, como afirma Tagnin (1989 p.16), o seu significado ocorre por meio de convenção, com isso, *bater as botas* se refere à morte. Essa mesma autora ressalta a importância de obtermos clareza sobre a noção da palavra “idiomático” que geralmente está atrelado a idioma, no entanto, ela reserva idiomático para significar não “transparente ou opaco”.

Segundo Zuluaga (2021, p.122 apud Pedro 2007 p.69), a “idiomaticidade é o traço semântico próprio de certas construções linguísticas fixas, cujo sentido não pode ser estabelecido a partir dos significados dos seus componentes, nem do de sua combinação”. Para Tagnin (1989), a idiomaticidade ocorre em menor ou maior escala nas EIs, ou seja, existem determinadas expressões que apresentam apenas um elemento idiomático como no exemplo de *receber de braços abertos*, isto é, são semi-idiomáticas, enquanto outras encontra-se totalmente idiomáticas conforme a sentença *perder as estribeiras*, nas palavras da autora, contendo uma idiomaticidade total. As expressões semi-idiomáticas possuem pouca idiomaticidade, isto é, de acordo com Cacciari e Tabossi (1998), o grau de idiomaticidade está relacionado com a maior ou menor distância entre o literal e o figurado de uma dada expressão, possa ser que ocorra uma familiarização dos sujeitos com determinada EI e através disso possibilite informações prévias facilitando a interpretação da EI. Desse modo, a interpretação da EI *receber de braços abertos* é mais transparente do que a expressão *perder as estribeiras*, a primeira é mais fácil de ser interpretada, enquanto a outra exige mais informações.

Pedro (2007) explica que as EIs apresentam um caráter dinâmico, elas podem desaparecer com o tempo, podendo funcionar como gírias ou se adaptar ao inventário de uma comunidade linguística. Por possuir essa aparente condição instável, estudiosos aproximam as expressões como características da língua falada, mas, anteriormente, mostramos que as expressões estão presentes na escrita também. Marcushi (2010) situa as diferenças entre fala e escrita dentro de um continuum tipológico das práticas sociais de produção textual, dessa forma as EIs se encontram nos programas de TV, rádio, cinema, jornais e revistas, alcançando assim a modalidade escrita da língua.

Numberg, Sag e Wason (1994), em estudos que partiram da linguística cognitiva, afirmam que as expressões idiomáticas, ao serem enunciadas, podem revelar pistas a respeito do seu significado, sendo possível a partir da soma de duas partes. Para exemplificar, eles utilizaram o exemplo da expressão *ser apunhalado pelas costas* os quais são mais simples de serem interpretadas. Neste caso, essa expressão tem um significado mais transparente, pelo peso dos próprios elementos, ao ser apunhalado significa um golpe que recebemos pelas costas, pois não estamos vendo, por isso mesmo a sua interpretação é mais transparente. Kövecses (2010) e Boers (2010) salientam que a competência metafórica dos falantes auxilia na compreensão das EIs. Segundo Batoréo (2008, p. 09), a competência metafórica resulta na capacidade de:

[...](i) distinguir diferentes domínios conceptuais (que podem servir ora como a Origem ora como o Alvo da projecção metafórica); (ii) conseguir diferenciar o papel dos domínios em línguas diferentes; (iii) saber reconhecer a linguagem metafórica usada por comunidades linguísticas (tanto a linguagem convencional como a criativa), típicas de uma dada cultura, e procurar entender a sua (parcial) motivação na criação da linguagem figurada; (iv) saber construir e criar metáforas culturalmente enraizadas em culturas diferentes, utilizando expressões figuradas e/ou fixas; (v) estar disponível para a reestruturação conceptual que a competência metafórica numa língua nova exige. (BATORÉO, 2008, p. 09).

Como podemos perceber, a competência metafórica é abrangente e o falante precisa se ancorar na origem da expressão idiomática e no seu alvo, entender esses domínios em línguas distintas, reconhecer essas diferentes linguagens nas diferentes comunidades e compreendê-las nas culturas. Em síntese, esse campo de investigação é extremamente útil como meio de investigação das EIs.

2.2 Critérios para caracterização de uma Expressão Idiomática

A identificação dessas expressões não se revela uma tarefa simples, com isso, Azevedo e Silva (2017, p.4-5) apresentam as principais características que podem determinar uma EI, que são: a indecomponibilidade, a convencionalidade e a conotatividade.

O aspecto indecomponível diz respeito ao fato de que os sintagmas permanecem fixos, e, qualquer mudança na estrutura do sintagma acarreta na alteração do sentido. Xatara (1995) também já havia pontuado em seus trabalhos que

as Els são lexias complexas indecomponíveis, assim como Perini (2010), Riva e Camacho (2010) e outros. A convencionalidade, segundo Azevedo e Silva (2017, p.4) é quando existe um consenso no uso das Els na comunidade. As Els pertencem a unidades polilexicais, ou seja, para serem lexicalizadas precisam ser adotadas pelos falantes, e, enfim, se tornar uma sentença cristalizada. Com o passar do tempo, essa expressão sofre a cristalização e por ser utilizada frequentemente passa a ser uma unidade lexicalizada.

Não basta, porém, que uma lexia seja indecomponível em sua forma e conteúdo para ser denominada idiomática. Um outro fator, que será responsável por seu processo de lexicalização, sinal verde para ser incluído na nomenclatura de um dicionário, é a frequência de seu emprego pela comunidade dos falantes, em outras palavras, é a sua consagração pela tradição cultural que o cristaliza em um idioma, tornando o estável em significação, o que possibilita sua transmissão às gerações seguintes e seu alto grau de codificabilidade. (XATARA, 1998, p. 151)

Nesse sentido, uma EI só terá o seu significado compreendido perfeitamente pela comunidade de falantes em que circula essa expressão se for frequentemente utilizada pelos falantes, isso explica as deficiências ao buscar entender as expressões idiomáticas em nossa própria língua devido fatores regionais, culturais e também em países estrangeiros. O terceiro aspecto é a conotatividade, ou seja, a forma figurada do que se quer dizer. A metafóricidade consegue satisfazer o falante ao utilizar uma EI com o intuito de chamar a atenção para uma determinada situação, conforme Rivas ao dizer que:

Embora as línguas disponham de meios para expressar objetivamente os acontecimentos, os sentimentos, as idéias, as Els originam-se da vontade do usuário de comunicar experiências de maneira mais expressiva ou pitoresca, de ser mais persuasivo, de despertar oômico ou o irônico, por meio de combinatórias inusitadas que são unidades funcionais significativas do discurso, constituídas por seqüências estereotipadas de lexemas. (RIVA, 2009, p. 23)

O aspecto conotativo é de suma importância para a efetivação do significado das Els, na capacidade de organizar cada elemento e o seu significado para o conotativo. Nunberg, Sag e Wason (1994) descrevem outras características significativas no tocante às expressões idiomáticas, eles a retratam como inflexíveis, figurativas, proverbializadas, informais e afetivas. Resumiremos o significado dos critérios estabelecidos para esta análise, quais sejam:

- ❖ Inflexibilidade: as EIs não podem passar por mudanças de ordem nem por inserção de elementos dentro da sua construção nem tampouco por troca de palavras, por exemplo, *bater as botas* não pode ser substituído por bater o sapato ou tênis e esperar que o significado idiomático não seja comprometido.
- ❖ Figuratividade: neste aspecto, as EIs não são compreendidas literalmente.
- ❖ Proverbialidade: são utilizadas com o objetivo de explicar ou descrever situações recorrentes e que sejam de interesse social, geralmente ocorrem em conversas informais e formais entre determinados sujeitos, como nos exemplos *bater papo* ou expondo algum segredo *abrir o bico* ou *dar com a língua nos dentes*.
- ❖ Informalidade: de acordo com os autores, as EIs são típicas dos registros informais e da linguagem oral.
- ❖ Afetividade: denotam afetos ou alguma avaliação a respeito do que falam.

Vale destacar que, segundo esses mesmos autores (NUMBERG; SAG; WASON, 1994), essas particularidades não podem ser aplicadas a todas as expressões, permitindo algumas variações e que isso parte muito da necessidade dos falantes, no mesmo tempo em que a sentença é enunciada. Além disso, mencionamos anteriormente que as EIs estão presentes também na modalidade escrita, como por exemplo na bíblia sagrada, o *corpus* deste trabalho. Apesar de que muitos registros bíblicos têm sua base a partir da oralidade, que só ao longo do tempo foram sendo relatadas pelos escritores bíblicos.

Ortíz Alvarez (2000, p.141) compreende que determinadas EIs permitem a entrada de elementos, sem que isso prejudique o seu significado, inclusive, ele utiliza o exemplo de *lavar as mãos*, pois em algumas situações os falantes dizem *eu lavo as minhas mãos*, neste caso ocorreu a inserção do pronome possessivo *minhas* e a sua implementação não comprometeu o sentido da EI. Com isso, Ortíz Alvarez (2000, p.87) apresenta três tipos de variação que ocorre com as EIs:

- ❖ Variante morfológica: nesse tipo de mudança, ocorre a inclusão ou

omissão de determinados elementos gramaticais, a exemplo disso, o autor destaca o como no exemplo dado analisado anteriormente, em que foi inserido um pronome possessivo sem que isso interfira no sentido global da EI.

- ❖ Variante lexical: nas variações lexicais, além de serem as mais produtivas, ocorre a troca de lexemas, por exemplo, ficar/estar a ver navios, essa substituição ocorre, mas assim como na variação morfológica o significado se mantém.
- ❖ Variante por extensão: segundo Ortíz Alvarez (2000, p.89), nesse tipo de variante os elementos que são acrescentados ou omissos dão bastante expressividade à EI.

Zuluaga (2021, p. 109) diz que as variações não devem alterar em nada o significado das expressões idiomáticas, tendo em vista que elas devem ser parecidas na estrutura e no conteúdo. Inclusive, a substituição que venha acontecer tem que ser fixa, como na expressão *tudo fica em casa*. O autor menciona que ela não pode ser substituída por qualquer vocábulo, com isso, o termo *casa* poderia ser trocado por *família*, porém com *lar*, prejudicaria o sentido. Nesse sentido, a teoria de EI, como uma lexia complexa se mantém perfeitamente, no entanto, com base na explicação desses teóricos notamos que de fato ocorrem determinadas variações, mas em sentido restrito. Então, nesse trabalho realizamos essa investigação, analisando algumas EIs identificadas na Bíblia à luz de alguns critérios que as caracterizam, quais sejam: inflexibilidade, figuratividade, proverbialidade, informalidade e afetividade de Numberg, Sag e Wason (1994). Observaremos que os critérios da informalidade e inflexibilidade não se sustentam em relação às características das EIs.

3. ALGUMAS REFLEXÕES EM TORNO DA TEORIA DE ARGUMENTAÇÃO

Para começo de conversa, carecemos depreender como se deu o desenvolvimento inicial da teoria da argumentação, pensando nisso, *vamos arregañar as mangas*. Um dos maiores pensadores dessa área chamava-se Perelman, que desenvolveu várias obras em torno desta temática tornando-se bastante influente entre estudiosos. Logo, sua maior inspiração foi Aristóteles, autor da obra *Organon*, para quem existiam duas formas de raciocinar: a analítica e a dialética. No raciocínio analítico, existe uma verdade a ser alcançada e almejada, enquanto no raciocínio dialético, ocorre uma aproximação com o verossímil. Em ambos, existem premissas, regras de inferências e conclusão. Segundo Perelman (2005), os raciocínios analíticos e as suas inferências formais são corretos ou incorretos, no entanto, isso ocorre de modo diferente com os argumentos, pois não tem a finalidade de dar uma resposta exata e sim de apresentar maior poder de convencimento, um busca ter a solução verdadeira e o outro busca soluções para convencer mais.

Com isso, essa distinção chamou a atenção de Perelman (2005), segundo ele a retórica é filha da dialética e o que faz uma tese ser aceita é o poder do seu discurso. Ele concentrou seus estudos nessas duas vertentes, analítica e dialética, porém focou sua teoria de argumentação nos raciocínios dialéticos ou retóricos. Em síntese, Perelman (2005) encontra a base de sustentação para a sua pesquisa em Aristóteles e principalmente na diferenciação entre os raciocínios analíticos e dialéticos. Fiorin (2020, p. 18), em seu livro argumentação, diz o seguinte:

Aristóteles, seguindo uma longa tradição, divide os raciocínios em necessários e preferíveis. O primeiro é aquele cuja conclusão decorre necessariamente das premissas colocadas, ou seja, sendo verdadeiras as premissas, a conclusão não pode não ser válida. As premissas são as proposições, as ideias, de que se parte para chegar a uma conclusão.

O raciocínio necessário mencionado por Aristóteles faz menção ao analítico, pois visa uma verdade concreta, enquanto o preferível é o dialético. Conforme Fiorin (2020, p. 19), “os raciocínios preferíveis são aqueles cuja conclusão é possível, provável e plausível, mas não necessariamente verdadeira, porque as premissas sobre as quais ela se assenta não são logicamente verdadeiras”. Sobre isso, Perelman (2005) concorda com Aristóteles que o campo da argumentação é o campo

do plausível, do provável, ou seja, da verossimilhança. Com isso, a base da teoria argumentativa perelmiana é composta pelos recursos discursivos para aderir mentes, utilizando técnicas da linguagem para persuadir e convencer. Perelman (2005) acredita que a argumentação é essencialmente comunicação, discussão e diálogo, e sem uma comunidade intelectual interessada na discussão de um determinado assunto é impossível ocorrer o desenvolvimento da argumentação.

Segundo Perelman (2005), as instituições judiciárias e políticas, as organizações das escolas e igrejas, festas nacionais e religiosas são meios que permitem a entrada de certos assuntos, para exercer argumentos nessas instâncias é necessário ter domínio e habilidade para exemplificar. No tribunal, o poder da fala está direcionado aos juízes, promotores e advogados e isso vale para as outras instituições. Por muito anos, a teoria argumentativa de Perelman foi negligenciada pelos estudiosos da língua, baseados na justificativa de que o autor era da área de direito, com o passar dos anos essa visão cai por terra, vários teóricos se concentraram nesse campo. Assim como Fiorin (2020), Koch (1992) defende que a interação social através da língua se caracteriza por meio da argumentatividade, além disso, menciona que o discurso é uma ação verbal repleta de intencionalidades e, todo discurso apresenta uma ideologia.

A autora aponta que o homem utiliza a língua porque vive em comunidade e sente a necessidade de se comunicar com outros falantes, passando a estabelecer relações por meio do seu discurso, uma linguagem repleta de intencionalidades e de ideologias e se caracterizando como argumentatividade. Cria-se um laço de informar o outro, mas não apenas isso, busca-se persuadir e convencer o ouvinte. Fiorin (2020) destaca que todos os discursos são argumentativos. Vale destacar que não são apenas os discursos que visam apresentar polêmicas, como apresenta Bakhtin(1992), o funcionamento de todo discurso é o dialógico.

A relação dialógica é uma relação (de sentido) que se estabelece entre enunciados na comunicação verbal. Dois enunciados quaisquer, se justapostos no plano do sentido (não como objeto ou exemplo linguístico), entabularão uma relação dialógica. (BAKHTIN, 1992, p. 345-346 apud FIORIN, 2020, p. 29).

Pensando nessa assertiva de Bakhtin, Fiorin (2020, p. 29) aponta que “Na medida em que um discurso é sempre um discurso sobre outro discurso, todos os discursos são argumentativos[...].” conforme o autor, seja contestando algo, apoiando

ou contradizendo determinados posicionamentos, isso nos revela que todos os discursos são argumentativos, pois todos eles são uma reação de resposta a outro. Compreendemos que a argumentação está intrinsecamente ligada à noção de diálogo. Segundo Fiorin (2020, p.69):

Argumentar é, pois, construir um discurso que tem a finalidade de persuadir. Como qualquer discurso, o argumento é um enunciado, resultante, pois, de um processo de enunciação, que põem em jogo três elementos: o enunciador, o enunciatário, e o discurso, ou, como foram chamados pelos retores, o orador, o auditório e a argumentação propriamente dita, o discurso.

Como percebemos nessa citação, a argumentação constrói seus discursos com a finalidade de persuadir. Fiorin (2020) menciona três elementos fundamentais para esse processo, o orador, o auditório e o discurso. O orador é aquele que vai discursar e tentar persuadir e convencer o auditório que é o público ouvinte; a argumentação será o discurso utilizado pelo orador. Aristóteles menciona esses elementos na sua obra, *Retórica*, apresentando o orador como *éthos*, o *páthos*; como o auditório e o *lógos*, o discurso. Fiorin (2020) diz que as palavras do orador precisam inspirar confiança no auditório, existe uma tendência de confiar em sujeitos que apresentem-se confiantes, mas essa confiança deve ser resultante da força discursiva.

Como o próprio Aristóteles menciona, existem três coisas que inspiram confiança num orador, a sabedoria prática, a virtude e a benevolência. Quando se tem oradores não sábios durante a expressão de opinião podem não efetuar-las corretamente. Quanto ao *páthos* ou auditório, de acordo com Fiorin (2020), “é a disposição do sujeito para ser isto ou aquilo”, ou seja, a arte de argumentar possibilita ao orador conhecer o auditório e criar uma imagem a respeito do seu público.

Fiorin (2020) apresenta e discute bases argumentativas, expondo as principais organizações do discurso utilizados com o intuito de persuadir, e revela uma variedade de tipos de argumentos. Existe toda uma complexidade em torno desta teoria, mas se trata de uma discussão fundamental. Pensando no texto bíblico e corroborando a concepção de Bakhtin (1997) de que todo discurso é argumentativo, concordamos que no discurso bíblico, os locutores, na realidade, estavam argumentando sobre suas crenças. Assim, ao usarem determinadas Eis, eles têm a finalidade de convencer e persuadir dando ênfase e intensificando os seus discursos.

Segundo Fiorin (2020, p. 77), “argumentar, em sentido lato, é fornecer razões em favor de determinadas teses” e mostrar que uma determinada ideia é mais válida do que outras. Desse modo, o orador busca dar o seu melhor objetivando convencer o público através do uso de todos os recursos linguísticos possíveis, como foi o caso dos escritores bíblicos ao utilizarem as expressões idiomáticas. Perelman (2005, p. 369) diz que a “argumentação tem uma natureza não coerciva: deixa ao ouvinte a hesitação, a dúvida, a liberdade de escolha; mesmo quando propõe soluções racionais, não há uma vencedora infalível”. Como dito anteriormente, os argumentos não trabalham com o verdadeiro ou falso, mas sim com o verossímil, isto é, ocorre uma aproximação com a verdade, a exemplificação disso, Fiorin (2020, p.77) afirma que:

O verossímil é o que parece verdadeiro, em virtude de um acordo numa dada formação social numa determinada época. O verossímil é inerente ao objeto de discurso argumentativo, pois, nas questões éticas, jurídicas, econômicas, filosóficas, políticas, pedagógicas, religiosas e etc. não há o verdadeiro e o falso, mas trabalha-se com o mais ou menos verossímil.

Partindo desta citação, os argumentos não se apresentam como uma verdade absoluta, concreta e, por isso mesmo, os discursos argumentativos necessitam serem os mais convincentes possíveis. Isso nos mostra mais uma vez que a argumentação é uma questão de linguagem; e, no caso dos discursos religiosos, é imprescindível o uso de argumentos que passem credibilidade e confiança aos ouvintes e/ou leitores bíblicos.

Os discursos argumentativos utilizados na bíblia são apelativos, buscam chamar a atenção para o *páthos*, e com isso realizam apelos visando provocar emoções, afetividade e despertar o interesse do público. Conforme Fiorin (2020, p. 223), existem três tipos de argumentos: “*argumentum ad populum*, *argumentum ad misericordiam*, *argumentum ad baculum* (argumento que faz apelo ao povo, argumento que faz apelo à piedade, argumento que faz apelo ao porrete)”. O primeiro, *argumentum ad populum*, se configura como argumentos apelativos ao público através da afetividade, das emoções, e esse recurso de convencimento busca ir no íntimo dos sujeitos, instigando seus lados positivos e negativos, sendo portanto frequentemente utilizado nos discursos políticos como campanhas eleitorais e manifestações religiosas. No *argumentum ad populum*, para obter a adesão do

público, o foco se dá nas situações positivas, mas também podem suscitar os preconceitos, como questões sociais, étnicas e religiosas.

Geralmente nesse tipo de convencimento, os oradores não buscam apresentar uma conclusão certa, mas procuram sugerir perguntas ou afirmações enfáticas. Além disso, a finalidade é tentar se identificar com o seu público, o autor compartilhou o exemplo dos políticos que no período das campanhas eleitorais utilizam-se de uma linguagem simples, seus valores, para persuadir os eleitores. Fiorin (2020, p.225) afirma que o grave problema deste tipo de argumento é quando apela para os preconceitos presentes na sociedade, fomentando cada vez mais as teses contrárias e dificultando as mudanças de pensamentos.

O *argumentum ad misericordiam* é muito característico da justiça penal, pelo fato de apresentar alguém digno de pena e de compaixão, apela para a sensibilidade e para a misericórdia, geralmente advogados utilizam esses argumentos apelativos em julgamentos na defesa de seus clientes, mas também podemos identificar esse tipo de argumento no meio religioso. No *argumentum ad misericordiam*, os apelos são centrados para o sentimentalismo, Fiorin (2020, p.225) apresentou o exemplo de um julgamento, quando o marido mata a esposa, os advogados buscam mostrar um pai exemplar, um cidadão modelo e grande profissional, inclusive sobre a necessidade desse pai estar presente na vida dos filhos, ou seja, percebemos a ausência de teses fundamentadas na pauta a ser discutida e a presença de sentimentalismo.

Por fim, temos o *argumentum ad baculum* que, segundo Fiorin (2020, p.227), apela pelo porrete ou pela força, “é um argumento voltado para o futuro, pois o enunciador força o enunciatário a aceitar a sua proposta, recorrendo a uma ameaça, a uma proibição, a uma valor negativo”. Como exemplo, o autor menciona as leis com as suas punições e também na religião, quando apelam para mudanças através do inferno como castigo eterno. Em suma, esse argumento espera resultados por meio de ameaças ou incentivos, com valores negativos e positivos, afirma o autor. Fiorin (2020) apresenta ainda outros tipos de argumentos, mas iremos nos restringir a esses três. Estes A argumentos estão voltados especialmente para o público, apelam para as disposições afetivas e para as paixões do auditório, conforme Fiorin (2020).

Neste processo, com o passar dos anos, muitas expressões utilizadas na bíblia se modificaram de uma geração à outra e explicar o seu significado de uma época tão longínqua não é uma tarefa muito fácil de ser realizada. No entanto, algumas dessas expressões estão vivas e sendo utilizadas, mesmo após os processos de traduções

que a bíblia vem passando. Neste trabalho, buscaremos estabelecer uma conexão entre as EIs e a teoria de argumentação. Vimos que existe uma ligação entre elas, partindo da ideia de que todo discurso é argumentativo, a partir da teoria do dialogismo de Bakhtin. Para ser um discurso argumentativo não necessita de questões polêmicas, mas podem ser por meio de dois enunciados quaisquer no qual ocorra uma comunicação verbal.

Nos dias de hoje, é importante entendermos essas expressões, por estarem ativas no nosso cotidiano, e interpretá-las corretamente. Vale destacar que, ao longo da pesquisa, encontramos referências a religiosos de diferentes denominações, como testemunhas de Jeová, católicos e protestantes, que têm procurado se aprofundar no tema. A partir dessas considerações, algumas dessas expressões utilizadas no período em que foram escritas, com o passar do tempo, foram modificadas e atualizadas. Em suma, a bíblia é compartilhada por diferentes sujeitos de diferentes classes sociais, de diferentes culturas e não podemos negligenciar o estudo sobre essas expressões, e sobretudo observar toda a motivação, toda a discursividade em torno delas.

4. VAMOS ARREGAÇAR AS MANGAS: EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS, UMA ANÁLISE À LUZ DA TEORIA DA ARGUMENTAÇÃO

Neste capítulo, apresentamos os resultados obtidos através da investigação das expressões idiomáticas identificadas na Bíblia. Os autores mencionados neste trabalho apresentam alguns critérios importantes que caracterizam as Els. De acordo com Numberg, Sag e Wason (1994) elas são inflexíveis, figurativas, proverbializadas, informais e afetivas. Azevedo e Silva (2017, p.4-5) apresentam três aspectos relacionados as Els, o aspecto indecomponível, a convencionalidade e a conotatividade. Na realidade, essas classificações se assemelham, ou seja, existe uma convergência entre esses autores. Por exemplo, entre Numberg; Sag e Wason (1994) e Azevedo e Silva (2017, p.4-5), percebemos uma complementação nos aspectos de inflexibilidade e indecomponibilidade, ambas denotam que uma EI não pode sofrer alteração em sua estrutura sintática, pois, caso aconteça, o significado pode ser comprometido. Contudo, os dados revelam que existem certas expressões que permitem pequenas variações.

Outro aspecto em comum é a figuratividade e a conotatividade, representando a forma figurada do que quer dizer a EI. Por outro lado, a convencionalidade também não se distancia, Xatara (1998), Perini (2010) e outros teóricos concordam que para ser uma EI é necessário que ela seja compartilhada entre os falantes de uma dada comunidade. Optamos neste trabalho por seguirmos as classificações de Numberg, Sag e Wason (1994), pois os autores já apresentam aspectos relacionados com outros teóricos, mas também acrescentam outros pontos como a proverbialidade, afetividade e a informalidade que serão de suma importância para o desenvolvimento e culminância desta análise.

Em seguida, analisaremos as Els a partir dos três tipos de argumentos abordados por Fiorin (2020), *argumentum ad populum*, *argumentum ad misericordiam* e *argumentum ad baculum*, assim poderemos observar se elas são argumentativas ou não. A nossa pesquisa foi realizada no aplicativo da Bíblia Nova Versão Internacional (BNVI) e no site Bíblia online, usados frequentemente em aparelhos celulares, prática que tem se tornando cada vez mais comum, principalmente entre os jovens. Das Els encontradas, selecionamos quatro: *menina dos olhos*; *olho por olho, dente por dente*; *a carne é fraca*; e *quem dera*, por serem expressões que não

desapareceram mesmo diante das novas traduções. Além de terem resistido por tanto tempo, são utilizadas com frequência no português contemporâneo, em diferentes meios de comunicação e situações comunicativas.

4.1 Meninas dos olhos

Quadro 01: Versículos bíblicos contendo a EI menina dos olhos

| EXPRESSÃO IDIOMÁTICA ‘menina dos olhos’ |
|--|
| EX. (1) Numa terra deserta ele o encontrou, numa região árida e de ventos uivantes. Ele o protegeu e dele cuidou; guardou-o como a menina dos seus olhos . (Deuteronômio 32:10) |
| EX. (2) Guarda-me como à menina dos teus olhos ; esconde-me debaixo da sombra das tuas asas. (Salmos 17:8) |
| EX. (3) Obedeça aos meus mandamentos, e você terá vida; guarde os meus ensinamentos como a menina dos seus olhos . (Provérbios 7:2) |
| EX. (4) Porque assim diz o senhor dos Exércitos: ‘Ele me enviou para buscar a sua glória entre as nações que saquearam vocês, porque todo o que tocar em vocês, toca na menina dos olhos dele ’. (Zacarias 2:8) |

Fonte: Elaboração Própria, 2022.

No quadro acima, é possível contemplar quatro ocorrências da EI “a menina dos olhos”, apresentada com certa regularidade na sua estrutura. Nos trechos do quadro, a expressão é usada sempre no sentido de algo que deve ser guardado, protegido, conforme no trecho (1). No trecho (2), situado no Salmos 17:8, por exemplo, o Salmista pede proteção divina ao ponto de ser guardado como a “menina dos olhos”. “Menina do olho” é uma abertura que existe no centro da íris que através de contração ou dilatação controla a entrada da luz, conforme Rocha (2019). Popularmente é chamada de pupila do latim; *pupilla*, que significa *menininha*, daí a associação. Curiosamente, se chegarmos bem perto de qualquer pessoa e olharmos dentro do olho, conseguimos enxergar o nosso próprio reflexo. Os olhos são uma das partes mais sensíveis do corpo, necessita de cuidados, proteção e exige uma delicadeza muito grande. Desse modo, quando Davi pede para ser guardado e

protegido como menina dos olhos de Deus, ele na realidade está pedindo para ser cuidado com a mesma intensidade e precaução que se tem com os olhos.

A partir destas interpretações podemos reconhecer que se trata de uma construção de elementos com sentido figurado, destacando-se, portanto o aspecto da figuratividade. Outra característica diz respeito à sua estrutura. Conforme Xatara (1998, p. 170), “a expressão idiomática é uma lexia complexa indecomponível, conotativa e cristalizada em um idioma”, ou seja, é um conjunto de vocábulos que não sofrem modificações em sua estrutura, assim também concordam os autores supracitados neste trabalho.

Nessa perspectiva se refere à indecomponibilidade das expressões, na qual não podem inserir elementos nem alterar a sua ordem. No entanto, com rigidez na inserção ou omissão dos elementos, segundo Ortíz Alvarez (2000, p.87) é possível que as EIs sofram variações sem que comprometa o significado e a ideia de uma EI fixa. Não existe uma regra para isso, mas, como nos exemplos (1), (2), (3) e (4) acima, vejamos as mudanças:

- (1) guarde os meus ensinamentos como a **menina dos seus olhos**;
- (2) Guarda-me como à **menina dos teus olhos**;
- (3) Guardou-o como a **menina dos seus olhos**;
- (4) Porque todo o que tocar em vocês, toca na **menina dos olhos dele**;

Dentro dessas expressões, notamos a presença de pronomes possessivos masculinos, *teus*, *seus* e *dele*. São pronomes que fazem referência à figura divina que protege, guarda como se fosse a *menina dos olhos*, isto é, são elementos que apontam para a pessoa do discurso a quem se refere. Nesse caso, qualquer um desses pronomes utilizados não interfere no significado da expressão, ainda permanece a menina dos olhos, pois na realidade aponta para a pessoa a quem está direcionado o discurso. Ortíz Alvarez (2000) chama essa variação de lexical, pois neste caso ocorreu a substituição de um elemento sem que compromettesse o significado da EI, assim como deve ser nos outros tipos de variações.

Em seguida, vem o aspecto da proverbialidade, são usadas em conversas almejando explicar e descrever algum tipo de situação, assim, o salmista Davi compartilhava situações que estava enfrentando através de suas súplicas. Em sua

visão, existia uma figura divina que podia lhe ouvir. Se formos analisar cada verso, veremos que a EI utilizada sempre estava atrelada a ideia de ser protegido, guardado e o termo *menina dos teus olhos* agrega a representação desse cuidado, visto que a parte onde se localiza a *menina dos olhos* é na área mais frágil dos olhos, assim como é em todo esse órgão, portador de grande sensibilidade.

Então, ao usar essa expressão, o autor conseguiu descrever uma situação de interesse daquelas pessoas naquele período e também dos leitores que buscam toda essa proteção na atualidade. Pensar no caráter proverbial da expressão é também admitir que ela se tornou uma expressão conhecida, tanto no contexto bíblico como no contexto popular. Atualmente, é importante frisar que essa expressão é muito recorrente, usada em contextos religiosos, mas também em letras de músicas, nomes de filmes e no cotidiano de muitos falantes.

Outra característica importante é o campo da afetividade, ao lermos as EIs encontradas em Salmos, Zacarias, Deuteronômio e Provérbios veremos uma carga afetiva através dos cuidados divinos. Em Zacarias 2:8, o profeta afirma aos que tocam no povo de Deus, também tocam na *menina dos olhos dele*, isso relata a profundidade do sentimento divino quando os seus são feridos, é como se alguém tocasse e machucasse os seus próprios olhos. Ao longo dos séculos, essas EIs se mantiveram intactas, permanecem presentes mesmo diante das renomadas traduções e são expressões que circulam entre falantes da nossa comunidade.

Em conformidade com a teoria argumentativa, como já mencionamos, os discursos são repletos de intencionalidades. Fiorin (2020) afirma que o discurso é um produto da enunciação, um sujeito a realiza num determinado lugar ou espaço. Sendo assim, mesmo se tratando de figuras de linguagens, as EIs são enunciações faladas ou escritas por algum determinado sujeito e ao utilizá-las compreendemos a sua riqueza de intencionalidade, seja em dar ênfase num determinado assunto, seja em uma situação de humor, crítica ou ironia e tantas outras funções atreladas às EIs.

A EI *menina dos olhos* está situada num contexto em que o salmista Davi tece um apelo, existe uma dificuldade da parte dos teólogos e historiadores de especificar a situação em que foram escritos, porém, a partir do apelo realizado e durante a leitura dos outros versos bíblicos percebemos que se tratava de uma grande perseguição que enfrentava, inclusive com ameaças de morte. Durante a sua oração, Davi implorava em seu discurso por proteção divina e isso se repetiu em outros trechos,

inicialmente ele pede para ter o seu clamor ouvido e atendido. Segundo o comentarista bíblico Albert Barnes¹, quando o salmista pede para ser protegido como a *menina dos teus olhos* significa que ele quer ser protegido como uma pessoa que guarda a sua visão e talvez esse tenha sido o seu argumento chave para persuadir e convencer em sua petição.

A sua maior intenção era essa, assim como é daqueles que compartilham deste mesmo objetivo. Isso nos remete ao *Argumentum ad misericordiam*, um argumento que apela para o sentimentalismo e piedade, esse tipo de argumento frequentemente pode ser encontrado nos textos bíblicos, na medida em que homens e mulheres se apresentam com a sua face de pena, culpa e transgressão visando ao perdão dos seus pecados, podemos exemplificar com os livros dos evangelhos, a forma piedosa como as pessoas argumentavam com Jesus.

A expressão *menina dos teus olhos* pode ser considerada um *argumentum ad misericordiam* apelando para a piedade divina e conseqüentemente pode comover o público leitor, tanto que influencia sujeitos de diferentes formas na atualidade. O autor se configura como uma figura que conhece o seu público demonstrando intimidade e ao mesmo tempo respeito, enxergando-o como uma autoridade divina, e, por ser essa representação, o seu discurso visa convencer por meio da compaixão, mostrando-se como alguém que necessita de cuidados, assim como protegemos os nossos olhos. Ao usar essa EI, o salmista deixa ao público a oportunidade de, ao ler o salmo obter o mesmo desejo de suplicar ao ser divino usando uma EI e notamos que este trecho se tornou referência no capítulo 17.

4.2 Olho por olho e dente por dente

Quadro 02: Versículos bíblicos contendo a EI olho por olho e dente por dente

| EXPRESSÃO IDIOMÁTICA 'Olho por olho e dente por dente' |
|---|
| EX. (1) <i>Olho por olho, dente por dente</i> , mão por mão, pé por pé. (Êxodo 21:24) |
| EX. (2) Fratura por fratura, <i>olho por olho, dente por dente</i> . Assim como feriu o outro, deixando-o defeituoso, assim também será ferido. (Levítico 24:20) |

¹ <https://versiculoscomentados.com.br/index.php/estudo-de-salmos-17-8-comentado-e-explicado/>

| |
|--|
| EX. (3) Não tenham piedade. Exijam vida por vida, olho por olho, dente por dente , mão por mão, pé por pé. (Deuteronômio 19:21) |
| EX. (4) Ouvistes que foi dito: Olho por olho, e dente por dente . (Mateus 5:38) |

Fonte: Elaboração Própria, 2022.

Analisando as sentenças do quadro 02, podemos perceber que as três primeiras ocorrências da EI “olho por olho, dente por dente”, exemplos (1), (2) e (3), foram extraídas do Antigo Testamento, como uma regra naturalmente seguida em uma determinada época em que era permitido o ato da vingança. O exemplo (4), encontrado no Novo Testamento, mostra o uso da expressão em resposta àquela usada no AT, momento em que Jesus aconselhou o abandono dessas práticas.

Em Mateus 5:38 temos a seguinte sentença: “Ouvistes que foi dito: olho por olho e dente por dente”. Esse verso bíblico está inserido no sermão do monte, quando Jesus apresentou diversos assuntos em seus discursos, entre os quais a vingança. A expressão significa que podemos fazer justiça com as próprias mãos, ou seja, se alguém cometeu alguma espécie de delito, violência de qualquer tipo teríamos o direito de nos vingar. Aqui, já podemos destacar o critério da figuratividade. Jesus aponta que essa visão de justiça com as próprias mãos não mais subsiste, que isso é algo que ficou no passado, ele afirma que se uma pessoa fere outra na face, esta deve mostrar o outro lado da face. Fica claro que o discurso de Jesus vai de encontro à sociedade conservadora e autoritária daquele período e se estende nos dias atuais.

Analisando essas sentenças a partir dos critérios de Numberg, Sag e Wason (1994), percebemos que a EI é inflexível e/ou indecomponível nos versículos do AT e flexível no NT, talvez o fato de ter sido o mesmo escritor (Moisés) destes três livros possibilitou essa inflexibilidade. Vamos conferir os exemplos detalhadamente dos versículos bíblicos que possuem a EI **olho por olho e dente por dente**.

(1) **Olho por olho, dente por dente**, mão por mão, pé por pé.

(2) Fratura por fratura, **olho por olho, dente por dente**.

(3) Exijam vida por vida, **olho por olho, dente por dente**, mão por mão, pé por pé.

(4) Ouvistes que foi dito: ***Olho por olho, e dente por dente.***

A estrutura dos exemplos (1), (2), (3) e (4) é semelhante, a mesma sequência e posição dos elementos. Inclusive, por apresentar tantos fragmentos em livros diferentes nos mostra que era uma expressão bem comum naquele período e essa cristalização prevaleceu por milhares de anos e continua atualizada. Se observarmos atentamente, veremos que nos trechos (1) e (3) há uma outra expressão idiomática, *mão por mão, pé por pé*, no entanto, não conseguiu ser efetivada em nossa cultura.

Essa El *mão por mão, pé por pé* pode funcionar como um reforço para *Olho por olho, dente por dente*, estão juntas em dois livros e momentos diferentes, mas contendo o mesmo escritor, não podemos afirmar que foi uma construção intencional, pois os sujeitos usam Els constantemente no dia a dia sem estarem preocupadas com prováveis efeitos gerados. Além desses três exemplos referentes ao AT de *olho por olho e dente por dente*, temos o trecho (4) que está relacionado ao discurso divino no contexto que reprova a vingança.

Ao relacionarmos esses exemplos, Mateus 5:38 apresenta a inserção de uma conjunção aditiva, a letra ‘e’. Apesar da entrada desse elemento, a parte semântica da El não fora comprometida. Em relação a essa modificação, Ortíz Alvarez (2000, p.87) chama de variação morfológica, quando se insere um novo termo ou omite. A exemplo disso, ocorreu a adição de um novo elemento. Sendo assim, temos exemplos de Els que mantiveram sua estrutura fixa sem nenhuma variação e uma outra que tem sua estrutura fixa, porém passou por modificação ao inserir uma conjunção, indo contra um dos critérios de Numberg, Sag e Wason (1994), neste caso, a inflexibilidade.

A figuratividade é um dos aspectos mais importantes das Els. Nesta expressão “olho por olho e dente por dente” o efeito figurativo se refere ao fato de que da mesma forma que fomos feridos, também deveríamos ferir, esta era a principal visão no AT, alterada por Jesus no NT ao afirmar que não poderíamos agir dessa forma.

Diante disso, esse efeito figurativo conseguiu externar com clareza algo que era de interesse social naqueles dois períodos, no primeiro momento de incentivo à justiça com as próprias mãos e no segundo momento de negligenciar essa prática. Pensando nisso, a proverbialidade descreve e explica situações recorrentes em nossa sociedade, seja naquela época ou na atualidade, pois a temática da vingança é muito

presente em diálogos formais ou informais, sobre diversos assuntos, como relacionamentos, trabalho, política ou qualquer outro setor que envolva relacionamento interpessoal, em que surgem conflitos, inevitavelmente.

Em relação aos aspectos da informalidade, é uma EI utilizada em registros escritos, orais e que se adequa em todos os momentos, sejam eles formais ou informais, sendo contrário ao critério de informalidade proposto por Numberg, Sag e Wason (1994). A respeito do campo da afetividade, de um modo geral todas as expressões sendo idiomáticas ou não denotam um afeto positivo ou negativo sobre determinado assunto, sendo assim, poderíamos realizar suposições em torno de “*olho por olho e dente por dente*”, por exemplo, para alguém que foi roubado, teve um parente assassinado, traição do cônjuge, um falso testemunho e qualquer outro ato que sofreu, ouvir essas palavras pode trazer um certo acalento para os que desejam retribuir a ofensa. Então, desencadeia-se um misto de sentimentos, é uma expressão com uma alta carga de afetos. Por fim, não precisamos mencionar o quanto essa EI está cristalizada na sociedade, tão utilizada por diferentes falantes de classes sociais distintas.

O autor deste texto bíblico é Mateus e foi escrito por volta do ano 50 D.C. Como vimos, *olho por olho e dente por dente* é uma EI, analisamos a partir de vários critérios e pudemos chegar a essa conclusão. Podemos identificar a sua atuação inclusive na atualidade, neste caso se trata de um discurso ativo socialmente, utilizado não apenas em sermões religiosos, mas que se propagou e se popularizou na fala cotidiana dos sujeitos de diversas classes sociais. À vista disso, analisaremos a capacidade argumentativa dessa EI.

No livro de Êxodo 21:24, esta EI situa-se num contexto de revelação das leis sobre casamento, roubo e sobre penas graves de morte para os que cometem ofensas graves, então nessa situação, se alguém de propósito ferisse uma pessoa ela deveria ser punida de igual modo. No entanto, em Mateus, o discurso muda completamente e o conselho de perdão e de oferecer o outro lado da face ganha visibilidade. Entre o uso dessa EI, nos livros de Êxodo e Mateus, temos uma diferença de séculos, e, apesar disso, muitos argumentam e defendem a tese de que de fato deve ser *olho por olho e dente por dente*.

Podemos concluir que essa expressão é argumentativa tendo como base os pressupostos discutidos até esse momento. Levando em consideração os três tipos

de argumentos expostos por Fiorin (2020), e, pensando na forma de como esse discurso pôde ter impactado nos tempos de Moisés e Mateus, relacionamos com o *Argumentum ad baculum*, que visa apelar para a força com um discurso ameaçador por meio dos oradores. Pensando unicamente na sentença *olho por olho e dente por dente*, notamos que o sentido dessa EI apontava para possíveis consequências graves caso subvertessem as leis daquele período, naturalmente, ao terem entendimento da rigidez e das penalizações aderiam ao discurso por medo.

Pode ser que alguns tenham aceitado as leis de Moisés por responsabilidade e compromisso social, assim como ocorre nos dias atuais, ou seja, existem pessoas que não cumprem leis, enquanto existem as que respeitam temendo pelas consequências e isso foi recorrente em todos os períodos da história mundial. Vale destacar a importância da visão que as pessoas daquela época tinham em relação ao caráter de Moisés (AT) e de Jesus Cristo (NT), ambos eram bem vistos, pelo menos por uma parte daqueles que o seguiam. Segundo Fiorin (2020), o orador necessita ser um exemplo, inspirar confiança no seu discurso, para conseguir aceitação do público. Afinal, o próprio Aristóteles revela a existência de três coisas que inspiram confiança num orador, a sabedoria prática, a virtude e a benevolência.

4.3 A carne é fraca

Quadro 03: Versículos bíblicos contendo a EI a carne é fraca.

| EXPRESSÃO IDIOMÁTICA “A carne é fraca” |
|--|
| EX. (1) Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; na verdade, o espírito está pronto, mas a carne é fraca . (Mateus 26:41) |
| EX. (2) Vigiem e orem para que não caiam em tentação. O Espírito está pronto, mas a carne é fraca . (Marcos 14:38) |

Fonte: Elaboração própria, 2022.

A expressão “a carne é fraca” é utilizada por Jesus no diálogo com os discípulos. Esse versículo está situado no capítulo em que são relatados muitos acontecimentos em torno da vida de Jesus, no qual ocorre a conspiração contra ele,

quando o mesmo é ungido em Betânia, a ceia e outros atos. No entanto, essa expressão está situada no contexto em que Jesus chama os discípulos para orarem no Getsêmani. Sendo assim, o que ele quis dizer ao afirmar que **a carne é fraca**? Esta expressão ainda existe na atualidade? São algumas questões que iremos observar neste tópico.

Na atualidade, a EI “a carne é fraca” está presente no cotidiano das pessoas. Em nossa cultura, algumas pessoas que comete adultério utiliza-se desse discurso para justificar a traição. Vamos observar as duas frases da EI **a carne é fraca** nos versículos:

(1): Vigiai e orai, para que não entreis em tentação; na verdade, o espírito está pronto, mas **a carne é fraca**.

(2): vigiem e orem para que não caiam em tentação. O Espírito está pronto, mas **a carne é fraca**.

A partir desses dois exemplos notamos inflexibilidade na sua estrutura. Apesar de ter sido encontrada apenas em duas ocorrências, o efeito de sentido dessa EI relacionada à fraqueza da *carne* está presente em outros textos bíblicos. Do ponto de vista da figuratividade, entende-se que essa é uma expressão popular usada por um sujeito para justificar ou se desculpar de um erro cometido, por exemplo, “Eu traí minha esposa porque *a carne é fraca*”. Na visão teológica, está associada à ideia de ceder à tentação do pecado, indo ao contrário da pureza espiritual que o ser humano deveria possuir. De um modo geral, essas duas visões se complementam, então a EI **a carne é fraca** é utilizada pelas pessoas que cometem falhas e associam isso a sua deficiência espiritual, tanto que no mesmo fragmento bíblico o conselho é que orem e vigiem.

Sendo assim, esses elementos não podem ser compreendidos literalmente. Nesses textos analisados, não existe dúvida a respeito da sua real intencionalidade e de sua figuratividade. Para ratificar essa interpretação, apresentamos uma sequência de textos que o termo *carne* é usado nessa mesma perspectiva de fraqueza espiritual, quais são:

- ❖ Quem vive segundo a *carne* tem mente voltada para o que a *carne* deseja; mas quem vive de acordo com o Espírito tem a mente voltada para o que o Espírito deseja. (Romanos 8:5).
- ❖ Quem semeia para a sua *carne* da *carne* colherá destruição; mas quem semeia para o Espírito do Espírito colherá a vida eterna.(Gálatas 6:8).
- ❖ Quem é dominado pela *carne* não pode agradar a Deus. (Romanos 8:8).
- ❖ Por isso digo: vivam pelo Espírito, e de modo nenhum satisfarão os desejos da *carne*. (Gálatas 5:16).
- ❖ A mentalidade da *carne* é morte, mas a mentalidade do Espírito é vida e paz. (Romanos 8:6).

Essa sequência de versículos mostra o emprego do termo *carne* em oposição a espírito, revelando que quem a escolhe colherá destruição, não consegue agradar a Deus. Há conselhos sobre viver pelo espírito e negligenciar as obras da carne, e também afirmações de que ao optar pela carne estamos na realidade escolhendo a morte. Em síntese, o viver pela *carne* nesses textos representa as pessoas que são seduzidas pelo pecado e caem em tentação. Pensando nisso, através desses versos podemos entender essa EI *a carne é fraca* que se popularizou entre os falantes, denotando toda a fraqueza em torno de uma situação.

Antes de prosseguirmos, é importante deixarmos claro que se trata de uma expressão figurativa e inflexível. Ademais, típica da oralidade, mas também está presente nos registros escritos da bíblia. Em relação ao aspecto da proverbialidade, essa EI tem a finalidade de explicar o motivo de alguém ter cometido algum erro, de qualquer natureza, buscando se justificar e almejando ser desculpado. É, realmente, uma EI muito conhecida na contemporaneidade. Na bíblia, essas duas expressões estão sendo explicadas por Jesus aos seus discípulos, como um aconselhamento e um alerta para que eles já se preparem. Outro critério subjacente a essa expressão é a afetividade, não conseguimos medir a natureza sentimental, mas compreendemos que existe um grau de emoção, no exemplo de uma pessoa que agiu pelos instintos momentâneos agredindo outra pessoa, ou no caso de adultério ou ainda de qualquer outro tipo de ação que leve a pessoa a se arrepende profundamente. Essa EI pode ser usada para enaltecer o tamanho da seu arrependimento e todo o seu anseio, para

se defender e buscar ser desculpado.

A EI “a carne é fraca” se refere ao estado de enfraquecimento espiritual dos sujeitos, os quais por exemplo, no cotidiano a utilizam como meio de justificar traições, roubos e diversas outras situações. Em outras palavras, é um argumento que parte de sujeitos com a reputação comprometida. Fiorin (2020) apresenta argumentos utilizados com o propósito de mediar conflitos como esses, permitindo ao orador uma oportunidade de arrependimento e receber o perdão por parte do interlocutor.

Essa EI situa-se no capítulo em que Jesus estava orando, pois se preparava para a sua prisão e conseqüentemente a sua morte. O discurso se direcionava aos seus discípulos com a intencionalidade de que tivessem a mesma prática, e nisso menciona que o espírito na verdade está pronto, porém *a carne é fraca*. Em suma este foi o argumento utilizado por Jesus, mas em qual categoria de argumento poderíamos inserir? Percebemos que Jesus se coloca como um dos discípulos, como alguém que necessita de oração, ou seja, é como se ele estivesse se comparando com a sua platéia, se tornando como um deles para convencer. No contexto político, isso ocorre com o intuito de ganhar o carisma e a confiança dos eleitores e no religioso incentivar as mesmas práticas observadas por Cristo.

Com base nisso, o *Argumentum ad populum* se caracteriza como aceitável para essa EI argumentativa. Ao analisarmos o texto bíblico atentamente, observamos o “abandono” da tese principal que é orar e vigiar e partindo para um argumento que visa explorar o lado emocional do público ouvinte (seus discípulos) e posteriormente os leitores, vale ressaltar que, ao usar a EI *a carne é fraca* o único objetivo é que se cumpra o pedido feito anteriormente de orar e vigiar. E esse é um dos pontos fundamentais, quando ocorre o abandono da tese principal temporariamente por parte do orador, no caso Jesus, e a busca por se parecer com o público, e esta movimentação torna a EI em análise um *Argumentum ad populum*.

4.4 Quem dera

Quadro 04: Versículos bíblicos contendo a EI quem dera.

| |
|---|
| <p>EXPRESSÃO IDIOMÁTICA “Quem dera”</p> |
| <p>EX. (1) Então disse Labão: Quem dera seja conforme a tua palavra. (Gênesis 30:34)</p> |

| |
|--|
| EX. (2) Quem dera fossem firmados os meus caminhos na obediência aos teus decretos. (Salmos 119:5) |
| EX. (3) Quem dera que vos calásseis de todo, pois isso seria a vossa sabedoria. (Jó 13:5) |
| EX. (4) Quem dera fossem sábios e entendessem; e compreendessem qual será o seu fim. (Deuteronômio 32:29) |
| EX. (5) Quem dera que se cumprisse o meu desejo, e que Deus me desse o que espero! (Jó 6:8). |
| EX. (6) Mas na verdade, quem dera que Deus falasse e abrisse os seus lábios contra ti! (Jó 11:5). |
| EX. (7) Discutiram com Moisés e disseram: “ Quem dera tivéssemos morrido quando os nossos irmãos caíram mortos perante o Senhor”. (Números 20:3). |
| EX. (8) Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente; quem dera foras frio ou quente! (Apocalipse 3:15). |
| EX. (9) E Balaão disse à jumenta: Por que zombaste de mim; quem dera tivesse eu uma espada na mão, porque agora te mataria. (Números 22:29). |
| EX. (10) Assim eu disse: Oh! quem me dera asas como de pomba! Então voaria, e estaria em descanso. (Salmos 55:6). |
| EX. (11) Quem me dera agora, que as minhas palavras fossem escritas! Quem me dera , fossem gravadas num livro! (Jó 19:23). |

Fonte: Elaboração própria, 2022.

No hebraico bíblico do AT, existe uma palavra chamada de *Mi-yitten* que significa *Quem dera*, uma expressão que significa um desejo, anseio ou algo que queremos muito. Assim, ela é utilizada no português contemporâneo e foi a EI que apresentou maior número de ocorrências na Bíblia, em diferentes livros e autores.

No exemplo (1), Labão deseja que as coisas acontecessem da mesma forma como havia planejado Jacó; no (2) o salmista expressa a sua vontade em guardar os decretos do Senhor; no (3) Jó menciona para os seus amigos o quanto eles seriam sábios se ficassem calados e esse era o seu desejo; no (4) é expressado o mesmo anseio pela sabedoria; no (5) uma vontade enorme de que o Senhor desse-lhe o que

havia pedido; no (6) o amigo de Jó deseja que Deus abrisse os lábios e falasse a respeito das faltas dele; no (7) o povo que saiu do Egito desejando que tivessem morrido lá; no (8) a expressão do desejo de Deus para a igreja de Laodicéia; no (9) Balaão deseja uma espada para matar a sua jumenta; no exemplo (10) o salmista almeja ter asas como de pomba para poder descansar; e no (11) como já mencionado anteriormente expressa o anseio em poder escrever as suas palavras. Todos esses exemplos apresentam o *quem dera* não com o seu sentido literal, de dar algo, mas revela os desejos e a vontade de ter algo que dificilmente poderão alcançar.

Ao observar cada exemplo, notamos a introdução de um elemento no meio da expressão, nos exemplos 10 e 11 em que foi inserido pronome pessoal oblíquo *me* causando uma variação morfológica, conforme Ortíz Alvarez (2000). Com isso, a sentença se mantém fixa e inflexível e com o efeito figurativo assegurado pelo fato de o termo *quem dera* não sugerir que vai dar algo, mas sobre o fato de querer, desejar ansiar muito por algo. Apresenta uma afetividade, pois reflete frustrações por não ter conseguido o que tanto almejava, ainda assim pode revelar sonhos que talvez tenha a esperança de alcançar.

Destacamos a proverbialidade, tendo em vista a alta frequência desses elementos na bíblia (situamos apenas 11 exemplos), a funcionalidade e rápida eficiência que o falante tem em explicar e descrever os seus principais desejos e anseios. Por fim, é uma expressão ativa e cristalizada em nossa sociedade.

Pedro (2007) afirma que Els são bastante dinâmicas e se transformam de acordo com a utilização dos falantes. Portanto, observamos que as Els analisadas neste trabalho possuem algumas das características abordadas pelos teóricos que embasaram a pesquisa. No entanto, os aspectos da inflexibilidade e da informalidade não se mantiveram, uma vez que o corpus deste trabalho é formal e compravamos a variação de três das Els analisadas. todas apresentaram aspectos característicos da proverbialidade, de afetividade e são extremamente figurativas, um dos aspectos mais importantes.

Observamos a sua forte atuação nas redes sociais, principalmente através de memes e também em músicas conhecidas nacionalmente. A EI sofreu uma variação ao se inserir o pronome pessoal *me*, mas que não altera o significado global da expressão. Exprime a ideia de algo que se deseja muito, como no exemplo de Jó que desejava que as suas palavras fossem registradas num livro, então esse é o sentido

global por trás dessa expressão. Em seu uso, também percebemos um grau de sentimentalismo, afinal, faz parte do jogo argumentativo envolver os sujeitos em suas emoções, seja negativamente ou positivamente para chegar ao objetivo final.

O uso desta EI quem dera pode ter sido o seu argumento chave, apelando diretamente para o sentimento de seu público, no caso dirigido a uma figura divina. O *Argumentum ad misericordiam* pode se encaixar nessa perspectiva, mesmo que o autor não pontue transgressões nesse trecho, mas ele se coloca na posição de indigno de possuir o objeto desejado e, por fazer isso, ele está apelando para o sentimentalismo com a intenção de persuadir, convencer e obter o seu sonho. Ou seja, ele não precisava elaborar um grande discurso repleto de palavras rebuscadas, pois as duas formavam o argumento necessário para externar o seu discurso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho foi analisar as expressões idiomáticas encontradas na bíblia. No primeiro momento, para identificarmos essas expressões partimos da ideia de Xatara (1996), ao dizer que para ser uma EI necessita está cristalizada e ativa entre falantes de uma determinada língua e essa recorrência foi primordial durante o processo de pesquisa das EIs. Ao identificá-las, notamos a frequência dos usos na bíblia sagrada. Encontramos as expressões *menina dos olhos*; *olho por olho e dente por dente*; *a carne é fraca*; e *quem dera* distribuídas em diferentes livros da bíblia, alguns inclusive com diferença de séculos entre si, mas permanecendo com os mesmos usos e com o efeito de sentido preservado até mesmo no português contemporâneo.

Identificamos que *menina dos olhos* se repetiu em quatro livros diferentes no AT, da mesma forma *olho por olho e dente por dente*, no AT e no NT. Em relação à expressão *a carne é fraca* vemos em dois livros do NT e *quem dera* se repetiu onze vezes em variados livros da bíblia, conforme podemos ver no capítulo de análise. Essa foi uma das primeiras fases do nosso trabalho. Em seguida, analisamos todas as expressões de acordo com os critérios de Numberg, Sag e Wason (1994), quais sejam: inflexibilidade, figuratividade, proverbialidade, informalidade e afetividade, com isso notamos que alguns desses critérios não condizem com a atuação das EIs, no

caso o aspecto da inflexibilidade e informalidade.

Alguns autores mencionam que ao adentrar um elemento numa EI ela perde o seu sentido (PERINI, 2015). Mas, Ortíz Alvarez (2000, p.87) apresenta três tipos de variações, a morfológica, a lexical e a variação por extensão. Quando ocorre um desses tipos é inserido um elemento na EI não ocorre a perda do sentido, o idiomatismo ainda prevalece da mesma forma. De modo geral, as EIs *menina dos olhos*, *olho por olho e dente por dente* e *quem dera* sofreram pequenas variações, nos mostrando que elas não são totalmente inflexíveis, a inserção de certos elementos em algumas sentenças é permitida, apesar de alguns autores como Xatara (1995) e Numberg, Sag e Wason (1994) explanarem o contrário. enquanto outras são totalmente fechadas como a EI *a carne é fraca*. Com absolutismo, as EIs possui um caráter figurativo, por não portar justamente uma linguagem literal, a sua compreensão se dá pelas informações prévias do locutor e interlocutor.

Além desses dois aspectos, todos os exemplos são expressões proverbializadas e afetivas, eram declarações com interesses e cheios de carga emocional apelativa, seja positiva ou negativa. Em relação à informalidade, Xatara (1995) afirma que em sua maioria as EIs são informais, porém a Bíblia nos mostra justamente que as EIs perpassam por esse *continuum* entre o formal e informal. Na atualidade, encontraremos trabalhos científicos que nos comprovam isso. No segundo momento da pesquisa, analisamos as mesmas expressões idiomáticas relacionadas à teoria de argumentação de Fiorin (2020). Para tanto, selecionamos três tipos de argumentos, o *argumentum ad populum*, *argumentum ad misericordiam* e *argumentum ad baculam*, a fim de provar que, ao utilizarem as EIs os locutores tinham finalidades e intenções de que esse discurso pudesse comover, persuadir o interlocutor.

Em relação à EI *menina dos olhos*, ao relacionarmos ao *argumentum ad misericordiam*, pudemos observar a exploração do autor apelando para a piedade divina por proteção, uma vez que enfrentava perseguições, utilizou-se de um discurso sentimentalista para conseguir a sua adesão; a EI *olho por olho e dente por dente* ligamos ao *argumentum ad baculam*, pois trata-se de um discurso ameaçador, apelando para a força e apresenta as consequências aos desertores em forma de vingança, com a finalidade de obter sujeitos obedientes através desse argumento.

A EI *a carne é fraca* está relacionada ao *argumentum ad populum*, visto que ocorre o abandono da tese principal “orar e vigiar” e utiliza-se um argumento que

explora o lado emocional das pessoas, o locutor se apresenta como alguém passível de enfrentar as mesmas lutas e dificuldades, conseguindo se familiarizar e convencê-las na mudança de perspectiva; e, por fim, a expressão *quem dera* está associada ao *argumentum ad misericordiam*, o sujeito do discurso sensibiliza o seu interlocutor relatando a sua incapacidade de alcançar algo que tanto almeja, e, através dessa pequena EI pode persuadir o seu público.

Em face do exposto, o orador necessita dominar determinados recursos da língua e, para isso ocorrer, ele não precisa necessariamente ser um especialista da linguagem, afinal os autores bíblicos não eram. Porém, na realidade, para a efetivação desses argumentos serem completos é preciso ir além da compreensão das características de cada um e dos recursos linguísticos que serão utilizados. Conforme os teóricos mencionados neste trabalho, faz necessário mostrar que as suas ideias são superiores a qualquer outra, o orador oferece o seu melhor para conseguir a adesão do seu público e, sobretudo, passar credibilidade e confiança, principalmente porque os discursos argumentativos não se mostram como uma verdade inteira. Diante disso, o orador deve ser o mais convincente possível.

Ressaltamos a importância do estudo das EIs, por estarem presentes em nosso cotidiano e por ser uma área ainda pouca explorada, alguns gramáticos e linguistas debatem em torno da legitimidade das EIs, mas, através desse estudo vimos outros pontos a serem tratados em relação aos campos semântico, morfológico e sintático, na linguística cognitiva e em outras áreas. Mas, não apenas por isso, pois percebemos através dessa pesquisa que essas expressões têm grande potencial e influenciam na vida das pessoas. Conforme Travaglia (2001, p.23): “A linguagem é um lugar de interação humana, de interação comunicativa pela produção de efeito de sentido entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico”. É através da linguagem que interagimos e nos comunicamos uns com os outros, por meio dela produzimos efeitos de sentido. As EIs possibilita essa interação entre falantes, um meio pelo qual conseguem maior expressividade e pode tecer uma crítica social, ideológica, política, religiosa e entre outras funcionalidades.

Além de tudo o que já mencionamos sobre as EIs, algumas propostas de trabalhos acadêmicos apresentam sequências didáticas para serem desenvolvidas em sala de aula, poderíamos procurar em alguns manuais didáticos e não encontraríamos proposta de ensino para a educação básica. Sobretudo, essa

realidade pode ser modificada partir dos avanços em torno dessa temática. Portanto, esperamos pela continuidade no crescimento e aperfeiçoamento do estudo das Els em demais espaços e veículos de comunicação, quais sejam: em discursos políticos; em contextos religiosos; nas redes sociais; em obras literárias; nas diversas mídias; e em meios de comunicação diversos. Em todas essas pesquisas deve ser contemplado o poder de efeito de sentido dessas expressões, pois como vimos neste estudo, trata-se de uma área riquíssima.

Segundo Perini (2010, p. 326), “ao se fazer um levantamento das Els do português, verificou-se (com alguma surpresa) que elas são muito numerosas, e muito frequente na fala”. Se esse fenômeno ocorre com tanta frequência na nossa língua é preciso que estudiosos tenham um olhar atento. O autor esclarece que a lista foi realizada por Fulgêncio (2008) com expressões conhecidas pelos falantes, contendo 8.000 mil itens. Para o autor, isso significa dizer que as Els não podem ser deixadas à margem dos estudos linguísticos, precisa haver uma análise dessas estruturas. Na realidade, estudiosos como Perini (2010) e Xatara (1996) já nos mostraram, através dos seus trabalhos, que podemos abarcar a tipologia das expressões idiomáticas, revelando a existência de variados tipos diferentes uns dos outros, os seus valores expressivos, assim como as suas principais funções e características. Por esse ângulo, é um campo fértil repleto de possibilidades, investigação e muitos desafios.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Ethique de nicomaque**. Paris: Flammarion, 1965.
- AZEREDO, J.C. **Gramática Houaiss da língua portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2008.
- BATORÉO (2018). **Aquisição/ aprendizagem da competência metafórica no contexto do Português Língua Não Materna**: importância da reestruturação conceptual na expressão de emoções e valores. Capítulo III In: Barroso, Henrique (2018). *O Português na Casa do Mundo, Hoje*. Braga: Humus, Babelium Centro de Línguas/ Universidade do Minho, 53-79.
- BAKHTIN, M. **Questões de Literatura e de Estética**: a teoria do romance. Trad. Aurora Fornoni Bernadini, José Pereira Junior, Augusto Góes Júnior, Helena Spryndis Nazário, Homero Freitas de Andrade. 4 ed. São Paulo: Editora Unesp, Hucitec, 1998. _____ . *Marxismo e filosofia da linguagem*. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- CACCIARI, Cristina; TABOSSI, Patrizia. The comprehension of idioms. *Jornal of memory and language*, v. 27, p. 668-683, 1988.
- DENZIN, N. K; LINCOLN, I. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- Expressões idiomáticas**: a visão dos professores da educação básica. AZEVEDO, D. J. O.; SILVA, F. M. *Confluência: Revista do instituto de língua portuguesa*. Rio de Janeiro: N.º 51 – 2.º semestre de 2016.
- FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. São Paulo: Contexto, 2020.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e Linguagem**. São Paulo, Cortez, 1984. _____. *A Inter-ação pela linguagem*. São Paulo, Contexto, 1992.
- KÖVECSSES, Z. **Metaphor**: a practical introduction. 2ed. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

NUNBERG, G., SAG, I., WASOW, T. Idioms. In: **Language**. Washington, v. 70, Nº 3 (sep. 1994), p. 491-538.

ORTÍZ ALVAREZ, M. L. **Expressões Idiomáticas do português do Brasil e do espanhol de Cuba**: estudo contrastivo e implicações para o ensino de português como língua estrangeira. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada na área de ensino/aprendizagem de segunda língua e língua estrangeira) - Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2000.

PEDRO, M. L. **As expressões Idiomáticas no ensino de português como língua estrangeira para estudantes uruguaios**. Dissertação de Mestrado (em Linguística Aplicada) Universidade de Brasília, Instituto de Letras, 2007

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTD-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

PERINI, M. A. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 58. ed. Rio, São Paulo: Record, 1986.

RIVA, Huéinton Cassiano; CAMACHO, Beatriz Facicani. **Expressão idiomática: uma unidade fraseológica**. In: BARROS, Lídia Almeida; ISQUERDO, Aparecida Negri. **O léxico em foco: múltiplos olhares**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. p. 195-217.

ROCHA LIMA, C. H. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1992.

SACCONI, L. A. **Gramática comunicativa sacconi**. 1 ed. São Paulo: Nova Geração, 2008.

TAGNIN, S. O. **Expressões idiomáticas e convencionais**. São Paulo: Ática, 1989.

XATARA, C. M. **As expressões idiomáticas de matriz comparativa**. Araraquara, 1994. Dissertação (Mestrado em Letras) - Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.

XATARA, C. M. **O resgate das expressões idiomáticas**. In: Revista Alfa, São Paulo: UNESP, v.39, p. 195-210, 1995.

ZULUAGA, A. (2021) **Análisis y traducción de unidades fraseológicas desautmatizadas**. *PhinNn*. 16, 67-83.